



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III - GUARABIRA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA PLENA**

SANDRIELE MARIA DA SILVA

**EDUCAÇÃO E SURDIDADE: UM DEBATE SOBRE OS PRESSUPOSTOS
EPISTEMOLÓGICOS DA PEDAGOGIA A PARTIR DO PENSAMENTO DE
PADDY LADD**

**GUARABIRA
2024**

SANDRIELE MARIA DA SILVA

**EDUCAÇÃO E SURDIDADE: UM DEBATE SOBRE OS PRESSUPOSTOS
EPISTEMOLÓGICOS DA PEDAGOGIA A PARTIR DO PENSAMENTO DE
PADDY LADD**

Trabalho de Conclusão de Curso
(Artigo) apresentado ao
Departamento do Curso Pedagogia
da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de licenciatura em
Pedagogia.

Área de concentração: Educação.

Orientador: Prof. Dr. Genivaldo Paulino Monteiro.

**GUARABIRA
2024**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586e Silva, Sandriele Maria da.
Educação e surdidade [manuscrito] : um debate sobre os pressupostos epistemológicos da pedagogia a partir do pensamento de Paddy Ladd / Sandriele Maria da Silva. - 2024.
31 f.

Digitado.

Artigo Científico (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2024.

"Orientação : Prof. Dr. Genivaldo Paulino Monteiro, Departamento de Educação - CH".

1. Epistemologia. 2. Pedagogia. 3. Surdidade. I. Título

21. ed. CDD 371.912

SANDRIELE MARIA DA SILVA

EDUCAÇÃO E SURDIDADE: UM DEBATE SOBRE OS PRESSUPOSTOS
EPISTEMOLÓGICOS DA PEDAGOGIA A PARTIR DO PENSAMENTO DE PADDY
LADD

Artigo Científico apresentado à
Coordenação do Curso de Pedagogia
da Universidade Estadual da Paraíba,
como requisito parcial à obtenção do
título de Licenciada em Pedagogia

Aprovada em: 22/11/2024.

Documento assinado eletronicamente por:

- **Genivaldo Paulino Monteiro** (***.340.664-**), em 29/11/2024 08:25:09 com chave 97485528ae4411ef8d5d06adb0a3afce.
- **Maria Claudia Coutinho Henrique** (***.900.894-**), em 29/11/2024 11:33:44 com chave efc4e152ae5e11efb5c62618257239a1.
- **Débora Regina Fernandes Benicio** (***.993.384-**), em 29/11/2024 08:42:48 com chave 0f03852cae4711ef89801a7cc27eb1f9.

Documento emitido pelo SUAP. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QrCode ao lado ou acesse https://suap.uepb.edu.br/comum/autenticar_documento/ e informe os dados a seguir.

Tipo de Documento: Termo de Aprovação de Projeto Final

Data da Emissão: 29/11/2024

Código de Autenticação: e371d9



Dedico este trabalho a todas as pessoas surdas que lutam incansavelmente pela Educação Inclusiva na prática.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 PRESSUPOSTOS EPISTEMOLÓGICOS DA PEDAGOGIA	8
2.1 Origens das Bases da Pedagogia e Educação de Pessoas Surdas	9
2.2 Bases tradicionais da Pedagogia	11
3. EPISTEMOLOGIA SURDA	13
4. CONCEPÇÃO MÉDICA SOBRE O SER SURDO: A SURDEZ	14
5 SURDIDADE (DEAFHOOD)	17
5.1 A Surdidade: concepção de Paddy Ladd	18
5.2 Contribuições do termo 'Surdidade' para a educação	19
6 METODOLOGIA	20
7 RESULTADOS E DISCUSSÕES	21
7.1 Matrizes Epistemológicas da Pedagogia F. Becker e N. Mizukami	21
7.2 Abordagem médica sobre o ser surdo e a concepção educacional	22
7.3 A 'Surdidade' em prol do reconhecimento da cultura e educação surda	23
8 CONCLUSÃO	24
REFERÊNCIAS	24

EDUCAÇÃO E SURDIDADE: UM DEBATE SOBRE OS PRESSUPOSTOS EPISTEMOLÓGICOS DA PEDAGOGIA A PARTIR DO PENSAMENTO DE PADDY LADD

Sandriele Maria da Silva

RESUMO

Apesar de muito recentemente as pessoas surdas conquistarem direitos no acesso à educação, há ainda pendências e lacunas no que diz respeito à forma e maneira pelas quais esse acesso ocorre. No que concerne às pessoas não ouvintes, uma das lacunas diz respeito a não consideração por suas especificidades (cognitivas, linguísticas, sociais, culturais) nos processos de ensino e aprendizagem, em específico, pelas bases epistemológicas que fundamentam tais processos. O objetivo deste trabalho é apontar os limites de tais fundamentos a partir do pensamento de Paddy Ladd, por meio de uma pesquisa bibliográfica, priorizando as ideias de 'Surdidade', 'Identidade Surda', 'Cultura Surda'. Alguns dos principais resultados encontrados após a análise dos dados, foram: 1. As bases epistêmicas da Pedagogia, no que diz respeito aos sujeitos surdos, têm raízes na concepção médica e estereotipada desses sujeitos, tomando como padrão teorias da aprendizagem e do ensino que consideravam apenas o 'modo de ser', conhecer e aprender das pessoas ouvintes; 2. Por esta razão, a educação das pessoas surdas sempre foi concebida como uma forma de adaptação desses indivíduos à cultura ouvinte; 3. O pensamento de Paddy Ladd apresenta uma análise mais profunda acerca do modo de ser desses sujeitos, expresso na ideia de 'Surdidade' (Deafhood); 4. Tal pensamento nos mostrou que as matrizes epistemológicas da pedagogia necessitam de uma revisão crítica dada a forte presença dos conceitos, ideias e princípios, oriundos do 'modo de ser ouvinte', nas teorias educacionais. Desse modo, concluímos que os pressupostos que fundamentam a pedagogia ainda são excludentes quando se volta à educação para todos. Em contrapartida, pensadores como Paddy Ladd, vem representando uma fonte de renovação dos pressupostos epistemológicos (excludentes) que, há séculos, orientam a Pedagogia.

Palavras-Chave: Epistemologia; Pedagogia; Surdidade.

**EDUCATION AND DEAFHOOD: A DISCUSSION ON THE
EPISTEMOLOGICAL PRESUPPOSITIONS OF PEDAGOGY BASED ON THE
THOUGHT OF PADDY LADD**

Sandrielle Maria da Silva

ABSTRACT

Despite the fact that deaf people have very recently won rights to access education, there are still pending issues and gaps regarding the form and manner in which this access occurs. As far as non-hearing people are concerned, one of the gaps concerns the lack of consideration for their specificities (cognitive, linguistic, social, cultural) in teaching and learning processes, specifically the epistemological bases that underpin such processes. The aim of this paper is to point out the limits of such foundations based on Paddy Ladd's thinking, through a bibliographical survey, prioritizing the ideas of 'Deafhood', 'Deaf Identity', 'Deaf Culture'. Some of the main results found after analyzing the data were: 1. The epistemic bases of Pedagogy, with regard to deaf subjects, are rooted in the medical and stereotyped conception of these subjects, taking as a standard theories of learning and teaching that only considered the 'way of being', knowing and learning of hearing people; 2. For this reason, the education of deaf people has always been conceived as a way of adapting these individuals to the hearing culture; 3. Paddy Ladd's thinking presents a deeper analysis of the way of being of these subjects, expressed in the idea of 'deafhood'; 4. This thinking has shown us that the epistemological matrices of pedagogy need a critical review, given the strong presence of concepts, ideas and principles, originating from the 'listener way of being', in educational theories. In this way, we conclude that the assumptions that underpin pedagogy are still exclusionary when it comes to education for all. On the other hand, thinkers such as Paddy Ladd have been a source of renewal for the (exclusionary) epistemological assumptions that have guided pedagogy for centuries.

Keywords: Epistemology; Pedagogy; Deafhood

1 INTRODUÇÃO

A Epistemologia é um campo inserido na filosofia que investiga a origem, possibilidades e limites do desenvolvimento do conhecimento humano. Ela busca investigar as motivações de como os saberes dos sujeitos educativos são concebidos e de que forma. Para mais, a Epistemologia busca ainda identificar as formas de conhecimentos existentes (Fumerton, 2015).

É importante destacar que a Epistemologia, dentro do âmbito educacional, mostra-se essencial, já que está concentrada em estudar o surgimento dos vários conhecimentos, como também, é através dela que podemos analisar os fundamentos das diversas teorias da aprendizagem. Assim compreendido, para a Pedagogia, é altamente relevante um debate epistemológico, pois, dentro da educação é trabalhado os métodos pedagógicos voltados para consolidação da aprendizagem dos indivíduos. Entretanto, se considerarmos as especificidades dos sujeitos educativos, identificamos diversas formas de conceber e formalizar os saberes e seu ensino.

Considerando a relação entre a diversidade dos sujeitos educativos e suas especificidades no processo de ensino e de aprendizagem, faz-se necessário introduzir na reflexão pedagógica uma análise em torno dos pressupostos epistemológicos que sustentam sua concepção de conhecimento.

Como boa parte da tradição do pensamento pedagógico se concentrou e considerou apenas um tipo de sujeito educativo (ouvinte, típico), devemos agora, diante do debate acerca da inclusão, questionar os limites epistemológicos da pedagogia (em suas teorias e métodos) considerando, por exemplo, as pessoas surdas. Pois, se atentarmos para as especificidades (cognitivas, comunicativas, sociais e políticas) desses sujeitos, teremos que abordar a aprendizagem e o ensino a partir de uma 'epistemologia surda'.

Denominamos de 'epistemologia surda' a forma de tratar as questões que envolvem o conhecimento e a aprendizagem dos sujeitos não ouvintes, atentando para as particularidades que lhes são constituintes. Enquanto abordagem epistemológica, essa perspectiva considera as especificidades dessas pessoas como elementos relevantes no processo de ensino e aprendizagem.

Porém, diferente dessa concepção, os pressupostos epistemológicos que embasam a teoria e prática educativas, herdaram da história uma visão estereotipada e patológica dos indivíduos com deficiência auditiva. Em contraposição, o debate em favor das 'epistemologias surdas' emerge, hoje, como uma forma de superação da hegemonia da cultura ouvinte, como única via para pensar o ensino e a aprendizagem.

Atualmente, com o avanço dos estudos sobre novas epistemologias, a consideração pelos modos de 'aprender' e 'ser' das pessoas com deficiência vêm pondo em questão antigas concepções pedagógicas. Em consequência, as pessoas surdas vêm assumindo um espaço maior de visualização e reconhecimento dentro do âmbito educacional e social. Contudo, esse benefício, dentro da sociedade, delimita-se de forma parcial e não totalmente igualitária. Pois, o ambiente educativo que deveria ser altamente inclusivo, ainda se afirma como um dos espaços que impossibilita essa inclusão.

As concepções pedagógicas estabelecidas historicamente, as quais vêm orientando a prática educativa, possuem parcela de culpa nessa condição. Pois, conforme observou Levy (2019), a cultura ouvinte sempre foi imposta enquanto parâmetro para aquisição do conhecimento nas escolas. Tais idealizações estimularam práticas educativas voltadas apenas aos alunos considerados 'normais' (ouvintes), instaurando, assim, uma visão separatista e excludente.

A partir da apresentação dessa problemática, o objetivo dessa pesquisa foi de investigar como as bases da Pedagogia vêm privilegiando um sujeito em específico e contribuindo para a exclusão de pessoas com deficiência, em particular, as pessoas surdas. Assim, a questão central desse estudo reside em interrogar as bases epistemológicas da Pedagogia, em relação à educação dos sujeitos não ouvintes. Trata-se de uma pesquisa que propões discutir os limites dos paradigmas pedagógicos, no âmbito da educação das pessoas surdas, a partir dos pressupostos epistemológicos, implícitos ou explícitos nas concepções de ensino e aprendizagem.

Desta forma, procurou-se ainda apontar as características e contribuições da Epistemologia Surda, a partir do conceito de '*Deafhood*' elaborado por Paddy Ladd (2013), traduzido na língua portuguesa por 'Surdidade'. Tal conceito está embasado numa abordagem que põe em questão os limites epistemológicos da

pedagogia desenvolvida até então, contrapondo-se aos paradigmas excludentes na educação atual.

A escolha desse tema se justifica pela emergência de refletirmos sobre as bases epistemológicas que sustentam a Pedagogia e que influenciam para o surgimento das práticas educativas. Assim, ele propõe repensar esses pressupostos que inserem as pessoas surdas em sua base educativa.

Para desenvolver essa pesquisa realizamos uma leitura exploratória por intermédio de uma revisão bibliográfica. As fontes utilizadas para sua realização compreendem dois tipos: 1. Primária, referentes às obras fundamentais que embasam sua abordagem teórico-metodológica, em especial, o livro de Ladd (2013) sobre o conceito de Surdidade. Ainda como fonte primária, foram utilizadas as obras de autores como: Carneiro e Ludwig (2018), Levy (2019), Mourão e Miranda (2008), Nakagawa (2012), entre outros; 2. Secundária, referente às fontes extraídas de revistas científicas, Google Acadêmico, Scielo e Periódicos Capes.

Para uma melhor exposição de sua estrutura, vale dizer que este estudo está dividido em sete (07) seções principais: A *primeira* (2.0), intitulada de: '*Pressupostos epistemológicos da Pedagogia*' aborda uma breve contextualização histórica e conceitual sobre as bases epistemológicas da pedagogia. Estará presente nessa seção a origem e conceituação sobre essas bases, assim como a história da Pedagogia para pessoas surdas, fazendo deste um momento crucial para podermos refletir sobre as raízes que resultaram em bases e práticas educativas de cunho tradicionais que persistem na atualidade. Na *segunda* seção (3.0), será definido o conceito e importância de Epistemologia Surda para o debate sobre rompimento de exclusão na sociedade e âmbito educacional das pessoas não ouvintes. Na *terceira* seção (4.0), abordaremos a concepção médica sobre as pessoas surdas e suas implicações educacionais. A *quarta* (5.0), introduz a opção teórico-conceitual que conduziu a pesquisa a partir do pensamento de Paddy Ladd. A *quinta* seção (6.0), fará algumas observações metodológicas, explicitando as escolhas e justificativas dos procedimentos (concernentes ao levantamento e à análise) e fontes utilizadas. A *sexta* seção (7.0), dedicar-se-á às análises e resultados da pesquisa, dividida em três principais momentos. A *sétima* seção (8.0), finalmente, tratará das considerações finais, seguidas da bibliografia utilizada.

2 PRESSUPOSTOS EPISTEMOLÓGICOS DA PEDAGOGIA

O propósito deste tópico é de fazer algumas considerações introdutórias sobre a importância e papel da reflexão epistemológica acerca das bases teóricas da pedagogia, a partir de dois momentos centrais: O primeiro procura sintetizar o desenvolvimento da Pedagogia, a partir da dimensão epistêmica que a constitui, sendo foco deste tópico a relação dessas bases com educação das pessoas surdas; o segundo busca apontar as principais bases epistemológicas que fundamentaram as concepções de ensino e aprendizagem que orientam, até então, o pensamento e a prática educativos. Trata-se de, a partir de autores fundamentais, discorrer sobre as influências dos pressupostos epistemológicos (tradicionais) da Pedagogia na concepção de educação dos sujeitos não ouvintes.

2.1 Origens das bases da Pedagogia e a educação das pessoas surdas

A pedagogia pode ser concebida como uma ciência como uma prática. Motivada por essa afirmação, ela, em toda a sua história de existência, sempre esteve fundamentada em suas bases teóricas. Esses fundamentos da Pedagogia surgiram através de pensamentos voltados a construir práticas metodológicas que transmitem o conhecimento e concretizam a aprendizagem do sujeito. Ademais, outro aspecto importante a ser ressaltado é que as bases teóricas se atualizaram ao passar do tempo, ou seja, a partir da transformação do conhecimento e por intermédio do avanço das tecnologias educacionais.

A investigação epistemológica é muito importante para a Pedagogia, pois é ela quem esclarece as bases filosóficas das teorias sobre aprendizagem, uma vez que as concepções didáticas foram pensadas por pessoas ouvintes. Por esta razão, foi produzida uma concepção de educação que não disponibilizava práticas que incluíam todos os sujeitos, tampouco foi produzida uma concepção de formação voltada aos os indivíduos surdos.

Para podermos entender melhor, os poucos registros que foram possíveis de identificar sobre educação voltada para as pessoas surdas, foram originados desde a Antiguidade, aproximadamente 4000 a.C., porém, essa concepção educativa surgiu através de pensamentos estereotipados, uma vez que as

peças da época acreditavam em tudo o que ouviam e nesse momento da história foi espalhado muitos mitos.

Essas narrativas errôneas correspondiam às pessoas com deficiência, inclusive, às pessoas surdas, como por exemplo: crenças de que os sujeitos surdos não concebiam a aprendizagem pois, a fala e audição eram um dos sentidos do corpo mais importantes para absorção de saberes, toda essas notícias falsas resultaram em exclusão das pessoas não ouvintes, desconsiderando-os como sujeitos aprendizes durante toda Antiguidade (Levy, 2019).

Dando continuidade, posteriormente, nos primórdios da Idade Média, a partir de 476 d.C., o contexto para os indivíduos surdos foi atualizado. Por um lado, eles eram excluídos e marginalizados: por outro foram descobertos como criativos e, a partir de pessoas com cunho religioso, foi percebido que os sujeitos não ouvintes podiam concretizar sua aprendizagem, todavia, através de outras formas de ensino.

Com base nisso, foi refletido, através de ações religiosas, uma educação para as pessoas surdas. Entretanto, o foco dessa aprendizagem foi o estímulo da oralidade, onde a fala era incentivada e trabalhada por meio da leitura labial e de instrumentos que não eram nada agradáveis. Nesse sentido, Ladd (2013) destaca como foram representados os sujeitos não ouvintes a partir da metáfora do museu:

Desenhos de crianças surda a ser operados por dignitários do século XVIII que se autoproclamavam doutores, fotografias de crianças do século XIX, as suas bocas forçadas a abrir com utensílios de prata para lhes puxarem sons, e de crianças no século XX sob o peso de auscultadores metades do tamanho de suas cabeças (Ladd, 2013, p.2)

Diante dessa conjuntura, é perceptível que em vários momentos da história a educação voltada para alunos surdos era marcada por uma visão estereotipada. Outrossim, essa afirmação do (Ladd, 2013) reflete ainda a falta de conhecimento sobre a surdez.

Dando seguimento, a partir da Idade Média até a Idade Contemporânea surgiram nomes que foram importantes para a Educação das pessoas surdas, tais como: Pedro Ponce de Leon (1520-1584), o primeiro professor de surdos; Charles Michel de l'Épée, fundador do instituto Nacional de Surdos-mudos; Thomas Braidwood (1715-1806), fundador da primeira escola para surdos na

Grã Bretanha; Thomas Hopkins Gallaudet e Laurent Clerc (1785-1869), fundadores da primeira escola para surdos na América (Levy (2019).

Todos eles representam os fundadores das primeiras instituições para as pessoas surdas, os quais, por razões distintas, foram relevantes para dar o primeiro passo de inclusão e quebra de paradigmas.

Mesmo considerando suas limitações conceituais e pedagógicas, a fundação das escolas para as pessoas não ouvintes foram marcos significativos, e estimularam fortemente o rompimento dos pensamentos estereotipados e, posteriormente, essas instituições fortaleceram a educação inclusiva. Em discordância, a Educação para ser realmente inclusiva precisa de muito conhecimento conceitual sobre todos os aspectos do que significam a surdez e, para repensar isso, se faz necessário não só um olhar da pessoa ouvinte, como também sobre o sujeito surdo, pois julgamos urgente entender a cultura surda como autêntica (Ladd ,2013).

Logo, para obtermos uma inclusão que prevaleça se faz primordial os sujeitos educativos e educadores uma base epistemológica da Pedagogia que considere todos os indivíduos educativos, destacamos dois modelos de educação que são destacadas por Becker (1994) e Mizukami (1986).

2.2 Bases Tradicionais da Pedagogia

A princípio, vale mencionar que nem sempre nos beneficiamos de bases epistemológicas da Pedagogia que consideram todos os tipos de educandos. Algumas destas bases fundamentam, até os dias atuais, o ensino e a aprendizagem, dois exemplos de pressupostos que sustentam a pedagogia é o ensino tradicional e o diretivo. Com isso, vale introduzir aqui as observações de Mizukami (1986) sobre as bases teóricas, ditas ‘tradicionais’:

A abordagem tradicional é caracterizada pela concepção da educação como um produto, já que os modelos a serem alcançados estão pré-estabelecidos, daí a ausência de ênfase no processo. Trata-se, pois, da transmissão de ideias selecionadas e organizadas logicamente, este tipo de concepção educação é encontrado em vários momentos da história, permanecendo atualmente sob diferentes formas (Mizukami, 1986, p. 11).

Assim, após destacar a abordagem epistemológica da Pedagogia, Mizukami (1986) nos lembra que essa abordagem tradicional não é vista como autônoma ou formadora para o aluno, mas, é formulada como um produto que pode ser medido e posto em números finais. Frequentemente o desempenho do estudante é medido sem considerar as especificidades, ou seja, é ignorado o momento que os respectivos educandos estavam em relação as condições psicológicas e físicas, porém, é perceptível que esses fatores podem alterar os resultados finais.

Para calcular o percentual de aprendizagem dos estudantes, são aplicadas, nas instituições, provas. Esses instrumentos avaliativos são propostos pela instituição de ensino e pelo próprio governo, como por exemplo, o (Saeb) Sistemas de Avaliação da Educação Básica, (INEP, 2021). Logo, após o entendimento de ensino tradicional, esse modelo de ensino e aprendizagem é prejudicial para inclusão das pessoas com deficiência na escola.

Em segundo plano, no concernente à educação, podemos perceber que algumas abordagens se perpetuaram por toda a história educacional e ajudaram os sujeitos a conceber os conhecimentos diversos. Por exemplo, para o professor Fernando Becker (1994), podemos dividir os fundamentos epistemológicos da pedagogia em três principais: 'Diretiva', a 'Não Diretiva' e a 'Relacional'.

Segundo Becker (1994), a concepção 'diretiva' é um conhecimento que é transpassado diretamente pelo professor. Nessa abordagem, segundo o autor citado: o docente é o autor central, responsável por mapear, estruturar, pensar e transferir todo o conteúdo educativo. Já o estudante tem apenas o dever de receber e assimilar as informações passadas pelo detentor do conhecimento, ou melhor, do professor.

Para entender melhor sobre educação diretiva, o autor descreve: "Como é esta aula? O professor fala o aluno escuta. O professor dita o aluno copia. O professor decide o que vai fazer o aluno executar, o professor ensina e o aluno aprende (Becker, 1994, p.89).

Com base nas informações apresentadas, é possível observar que essa modalidade de ensino é concentrada no professor como sábio e transmissor do conhecimento. Consoante a isso, essa forma de pensar a educação se torna excludente porque, como visto anteriormente, não é considerada a diversidade

dos sujeitos e, ainda assim, não é refletido sobre as vivências que os discentes necessitam para desenvolver algumas habilidades. Segundo Nóvoa (2022), os alunos aprendem mais uns com os outros, isto é, eles adquirem mais conhecimento com os colegas do que com os próprios professores.

Assim, podemos perceber que, mesmo a partir da atualização do conhecimento e das mudanças sociais, essas bases tradicionais ainda desafiam a nossa educação atual. Isso, porque as pessoas não ouvintes ficam limitadas a sistemas oralistas que têm por intuito inserir o aluno surdo na língua oral do seu país (Plexus, 2002).

Em vista dessa situação, as pessoas surdas são inseridas numa prática de ensino artificial e não a um natural. É importante destacar ainda que as crianças que ouvem, aprendem a língua oral de um país por intermédio a sua inserção cultural. Já as pessoas surdas, estas, de acordo com suas especificidades têm sua língua natural, porém, através da cultura Oralista, a linguagem materna dessas pessoas é vista como segundo ou plano, Goldfeld (2002) destaca:

As crianças ouvintes não precisam aprender uma língua- sistema semiótico criado e produzido no contexto social e dialógico, servindo como elo entre o psiquismo e a ideologia-,elas a adquirem espontaneamente mediante contextualizados em suas relações sociais, e estruturam-se cognitivamente por meio da linguagem (Goldfeld, 2002, p89).

A partir dos argumentos apresentados, identificamos que os sujeitos educativos se desenvolvem espontaneamente, mas a prática Oralista dentro das bases educacionais ainda impõe que as pessoas surdas desconsiderem sua língua materna e incluam em primeiro plano a língua do país de origem.

Para podermos entender melhor, é como por exemplo um brasileiro ouvinte que tem como natural a utilização da língua Portuguesa ir em busca de um segundo idioma, ou seja, essa segunda língua irá ser introduzida de forma artificial, a diferença é que as pessoas ouvintes elas procuram um segundo idioma para seu próprio desenvolvimento pessoal, viagens, estudos e outras situações, mas as pessoas surdas para inserção da língua portuguesa tem que desconsiderar sua língua, isso é pensado no objetivo de padronizar, as pessoas.

Na seção seguinte propomos apresentar uma abordagem que se contrapõe à perspectiva médica e ao modo como a pedagogia tradicional

mencionada tratou dos sujeitos surdos. Para tanto, defenderemos a necessidade de uma 'epistemologia surda' que considere as especificidades desses sujeitos.

3. EPISTEMOLOGIA SURDA

Para aprofundar nosso conhecimento, é necessário compreender sobre as bases de conhecimentos que sustentam Pedagogia até seus dias atuais, ainda sim, é importante conhecer termos que são significativos como por exemplo: a Epistemologia. A Epistemologia é uma área que faz parte da Filosofia e tem como objetivo investigar a origem dos conhecimentos, os limites e possibilidades (Furmeton, 2015). Além disso, a Epistemologia investiga a própria razão, ou seja, a formalização do conhecimento humano.

Em segundo plano, percebemos que a Epistemologia está inserida na pedagogia em diversos momentos e se inicia no pensamento de meios e técnicas de ensino e vai até à validação da aprendizagem. Dentro da Pedagogia, o conhecimento é construído e posteriormente será validado, ou seja, a Pedagogia atua diretamente na produção de saberes, através de métodos e prática educativas. Por esse motivo, para transferir o conhecimento, é necessário a aplicação de várias epistemologias com diversas práxis educativas e para colher o produto é necessário validar o conhecimento dos alunos. Para isso, são utilizados critérios avaliativos, como provas, trabalhos, resolução de problemas.

Surge, em contrapartida, a Epistemologia Surda, que segundo Ladd (2013), é uma forma de pensar a cultura, a língua do sujeito surdo. Percebemos que a Epistemologia Surda, além de considerar a comunidade surda com autenticidade, essa respeita a língua materna das pessoas não ouvintes.

Em toda história educativa das pessoas não ouvintes, a cultura dessa comunidade sempre foi desconsiderada, ou seja, a classe dominante quando destaca educação para alunos surdos, os identifica como anormais e querem de todas as formas normalizar ou igualar os sujeitos surdos às pessoas sem deficiência. Além disso, os ouvintes propõem características de identidade que se assemelham ao padrão que a sociedade impôs durante toda colonialidade.

Assim, surge a importância da Epistemologia Surda considerando de fato as pessoas surdas, de acordo com sua especificidades e respeitando sua

cultura, língua, materna, identidade e não força a normalização das pessoas não ouvintes.

4. CONCEPÇÃO MÉDICA SOBRE O SER SURDO: A SURDEZ

A Epistemologia Surda é uma área muito importante para o entendimento e desconstrução dos preconceitos relacionados à surdez. Nessa perspectiva, o termo surdez se faz presente na história das pessoas surdas como fator determinante para o entendimento do ser. A conceituação de surdez pode ser compreendida de várias formas, a depender do olhar crítico e profissional. Logo, nesse tópico, iremos compreender melhor as várias visões do termo surdez em uma perspectiva médica e, sob a visão desses profissionais, é considerada uma deficiência que precisa ser curada.

A audição é um dos sentidos do nosso corpo mais importante para comunicação, pois é através dela que ouvimos. Desse modo, após receber a informação, transmitimos nossa mensagem por meio da linguagem. Outro aspecto importante a ser destacado é a escassez da audição que é estudada por vários profissionais, sejam eles, médicos, antropólogos, psicólogos, educadores e outros pesquisadores que têm como objetivo entender a surdez em seus vários aspectos, por exemplo:

Os psicólogos evolutivos procuram saber que mudanças ocorrem em seus processos linguísticos, cognitivos e sociais. Os linguistas analisaram as características e as possibilidades da linguagem [...]. Os educadores refletiram sobre os processos de instrução e sobre as estratégias comunicativas... (Coll; Marchesi, Palacios, 2004, p.171)

Tendo em vista, que muitos profissionais estudam a surdez em várias perspectivas, a medicina também caracteriza essa condição e definem a partir de um ponto de vista médico e patológico, para eles é muito importante o entendimento da lesão corporal que afeta o sujeito surdo.

Em continuidade, a surdez na perspectiva médica está definida como uma alteração que pode ocorrer no órgão auditivo, seja na orelha externa, média ou interna. Portanto, a pouca audição pode ser identificada através de sua localização no corpo, mais precisamente na orelha. Consoante a perspectiva

médica existem três tipos diferentes de lesão auditiva: condutiva, neurossensorial e surdez mista.

Em primeiro caso, iremos falar sobre a surdez condutiva. Ela está localizada no ouvido externo ou médio e ocorre em decorrência ao impedimento das ondas sonoras, até o ouvido externo. (Calvacante, *et al.*, 2013 p. 583) define: “onda sonora trata-se de uma onda mecânica, atuante no nível molecular, cujo fenômeno perceptível associado é o som”. Ademais, a surdez condutiva pode ser causada por infecções ou bloqueios que não permitem o som chegar até o ouvido interno. Para o tratamento dessa lesão pode ser utilizado medicamentos com objetivo de cura. Outro método realizado são os aparelhos auditivos e em alguns casos pode ser necessário a realização de uma cirurgia, porém, esses procedimentos são escolhidos de acordo com a necessidade do sujeito.

Outro exemplo de lesão é a surdez neurossensorial. Essa é permanente, ou seja, não tem cura e afeta o ouvido interno, a surdez sensorial pode ser genética ou causada por infecções (meningite) e outras causas. Esse tipo de surdez afeta diretamente a qualidade do som, para o tratamento dessa condição existem os implantes cocleares que consiste na inserção de um aparelho eletrônico dentro do ouvido para transmitir e estimular a chegada dos sons externos.

A última lesão chama-se a surdez mista que, como o próprio nome destaca, está relacionada aos dois tipos de surdez ressaltados anteriormente a condutiva e neurossensorial. Ela afeta o lado externo e interno do ouvido e é causada por meio de infecções no ouvido médio e danos na cóclea. Esse tipo de condição pode ser tratado através de cirurgias.

Outrossim, o diagnóstico dessas lesões nem sempre são rápidos e não é descoberto quando se é bebê ainda, porém, a partir dos avanços tecnológicos e estudos médicos, por meio da triagem auditiva neonatal (teste da orelhinha da orelhinha), descobre-se mais rapidamente a surdez. Ainda sobre o teste, é importante destacar que ele é obrigatório, pois é garantido pela lei n 12.303/2010, (BRASIL,2010, art.1), que enfatiza: “É obrigatória a realização gratuita do exame denominado Emissões Otoacústicas Evocadas, em todos os hospitais e maternidades, nas crianças nascidas em suas dependências”.

Apesar da garantia decretada por lei do teste da orelhinha, ainda assim a surdez é difícil de ser identificada, pois, ela não se ver a olho nu, somente a partir

do avanço da idade do sujeito que é vista através do olhar dos pais ou responsáveis que percebem que a pessoa surda não consegue desenvolver ou se comunicar por meio da língua falada.

A descoberta do diagnóstico que diz que um sujeito é surdo, afeta diretamente o âmbito familiar, desde o momento do resultado que diz que a criança tão planejada e tanto esperada é surda, percebemos que é despertado nos pais desse indivíduo um sentimento de desprezo, medo, culpa e preocupação (Yamazaki; Masini, 2008). Além disso, os familiares dessas crianças muitas vezes agem como se a surdez estivesse relacionada a uma doença terminal ou a morte de sua criança, o sentimento é o mesmo.

Essa mistura de emoções da família é causada pelo medo do desenvolvimento da comunicação, assim surgem várias perguntas advindas dos pais e responsáveis, como por exemplo: como esses indivíduos irão se comunicar com as demais pessoas? Será que há algum tratamento com objetivo de cura? Essas são perguntas que vão ser normais e serão solucionadas de acordo com cada necessidade. Mas percebemos que a linguagem, a comunicação em si, é algo que preocupa, porém, os sujeitos surdos desenvolvem sua língua natural que posteriormente quando adulto se transforma em sua identidade.

Outrossim, mesmo que em muitos casos a surdez seja permanente, em caso de reversão da situação são usados tratamentos como: o uso de aparelhos auditivos, implantes Cocleares, implantes de Condução óssea, medicamentos e cirurgia.

A partir do descobrimento da surdez, os pais ou o próprio indivíduo buscam intervenções médicas. Os tratamentos variam consoante à necessidade e gravidade da perda auditiva do sujeito. O médico responsável por tratar dessas condições é o otorrinolaringologista. Em alguns casos, é necessária uma intervenção cirúrgica para tratar de tumores ou perfurações nos tímpanos para tentar reverter de certa forma a situação de surdez, entretanto, a cirurgia só é solicitada nos casos de deformações que surgiram no ouvido do sujeito.

Todavia, nem sempre se precisa de uma cirurgia, o aparelho auditivo, por exemplo, é um método interventivo que é utilizado para aquele indivíduo que tem perda média ou leve da audição, esse método de tratamento tem o objetivo de ampliar o som para que a qualidade da escuta fique melhor.

Em segundo plano, o uso de medicamentos adequados também é um método de cura utilizável que tem o intuito de tratar infecções, estas causadoras da surdez temporária, como citado anteriormente a medicina apresenta vários procedimentos para aquele que não tem uma perda completa da audição.

5 SURDIDADE (DEAFHOOD)

Neste tópico iremos tratar sobre o conceito de “Surdidade”, esse termo é defendido pelo escritor surdo Paddy Ladd (2013). A Surdidade tem como objetivo principal definir a visão médica, ou seja, criticar a forma de como a cultura ouvinte nega a educação para as pessoas surdas. Além disso, a concepção da medicina não concebe os sujeitos não ouvintes como educativos, mas sim colocam à frente deles a deficiência como fator determinante para ensino e aprendizagem.

Em continuidade, para essa revisão bibliográfica, Paddy Ladd (2013) foi um escritor essencial, pois ele é um pesquisador e escritor reconhecido na área de estudos voltados às pessoas surdas. Acrescenta-se que ele é um dos defensores das culturas minoritárias e promove em suas obras críticas que todos os grupos descolonizados precisam ser respeitados e valorizados. Assim, nesta seção teremos dois momentos principais: o primeiro abordará a definição do termo Surdidade e o segundo irá explorar a Surdidade como uma Identidade Cultural.

5.1 A ideia de Surdidade: O modo de ser surdo em Paddy Ladd

Durante séculos percebemos que há uma resistência de uma única cultura, em particular, de determinados grupos privilegiados em toda sociedade. A civilização sempre esteve diante de um padrão, onde as pessoas, para serem reconhecidas, precisam segui-lo, guiados pela lógica de que: as tradições que mais prevalecem são as identificadas como “melhores”, como modelo. Um exemplo de culturas majoritárias são as denominadas pelas pessoas ‘brancas’, indivíduos sem deficiência, magros e ricos, onde os demais sujeitos, mesmo comprovando de fato a autenticidade de sua culturalidade, são negados em prol da cultura ouvinte.

Assim compreendidas, a diferença e a pluralidade se tornaram princípios que, implícita ou explicitamente, fundaram o modo humano de pensar e fazer a

educação no decorrer de boa parte de sua história. As pessoas surdas, como sujeitos historicamente classificados como 'incapazes' de aprender, tal como foi visto, precisaram de séculos para colocar em questão esse preconceito.

Diante dessa conjuntura, para tratar de forma mais inclusiva, Ladd (2013) propôs o termo 'Surdidade', em inglês, *deafhood*. Em primeiro lugar, ela nos remonta a uma especificidade ontológica, acerca de um 'modo de ser surdo'. Em segundo lugar, refere-se à particularidade cultural e comunicativa próprias dessas pessoas. Em terceiro lugar, do ponto de vista social e político, essa palavra está relacionada à luta que a comunidade surda vem realizando em favor de suas causas e direitos, a exemplo do reconhecimento de sua língua e identidade próprias nos diferentes espaços, como é o caso da educação. Finalmente, no concernente ao aspecto epistêmico, corresponde ao modo de conhecer e aprender próprio das pessoas surdas.

Assim, o termo define, de um único modo, a especificidade cultural, linguística, social, política e epistêmica das pessoas não ouvintes, enquanto modos de ser autênticos. Isso, porque a surdez não é vista aqui como uma deficiência, tal como se apresenta na perspectiva médica. Essa palavra (Surdidade) rompe visões patológicas e estereotipadas sobre os sujeitos surdos.

Embora popularizado na língua portuguesa em 2013, o termo 'Surdidade' (*Deafhood*) surge com Ladd por volta de 1990, resultado de sua tese doutoral (1998) na Universidade de Bristol (Inglaterra). Contrapondo-se a histórica visão sobre o surdo como um 'deficiente-auditivo', o conceito desenvolvido por Ladd (2013) atribui autenticidade existencial a esses sujeitos.

Sendo assim, uma das características dessa condição é a superação das pessoas surdas frente a imposição da cultura ouvinte, hegemônica na nossa sociedade. A independência desses sujeitos da 'oralidade' como via determinante da comunicação, subjetivação e sociabilidade, atribui ao conceito de 'Surdidade' a existência e identidade das pessoas não ouvintes um significado que extrapola e supera o sentido (médico) da surdez.

Sendo assim, foi por considerar a Surdidade como expressão que atribui aos indivíduos não ouvintes humanidade, que o estudo em questão optou por se concentrar nas ideias desenvolvidas por Ladd, buscando aproximar o seu pensamento do debate sobre a Educação Inclusiva. É importante ressaltar que, além do pensador inglês (Ladd, 2013), outros autores e pesquisadores foram

considerados, a exemplo de Nakagawa (2012), Skliar e Quadros (2000), dentre outros.

Vale ressaltar, que esses estudos foram realizados com base no ser surdo, pois, nos últimos 120 anos, as pessoas foram obrigadas a acatar políticas que diminuíram, por exemplo, a língua de sinais e sabemos que esta é essencial na educação dos não ouvintes. Essas leis geralmente são fundamentadas por pessoas de cultura privilegiada e têm como propósito principal deixar em segundo plano a língua materna.

Ademais, para Ladd (2013), a Surdidade considera de fato a Identidade cultural e a forma comunicativa desses sujeitos como única e autêntica: a língua de sinais. Esse termo foi pensado por Paddy Ladd através das tradições e experiências de grupos surdos.

A partir da definição de Surdidade, Ladd (2013), destaca que a cultura da comunidade surda é riquíssima e merece ser valorizada por todos os sujeitos educativos. Assim, a percepção médica que define a surdez como uma deficiência deveria considerar o modo de ser surdo.

Logo, é perceptível a defesa Ladd (2013) em prol do reconhecimento da comunidade surda como uma minoria linguística, isso, porque tal grupo utiliza sua língua materna como ferramenta fundamental para a sua comunicação. A língua de sinais para os sujeitos surdos é a forma principal de expressão e de representação de sua identidade. O reconhecimento dela fortalece a inclusão e a inserção deles na sociedade e na educação.

5.2 Contribuições da ideia de ‘Surdidade’ para a educação

Anteriormente, definimos, a partir da visão de Paddy Ladd, o termo ‘Surdidade’. Assim, é importante destacar que Ladd (2013), desde a adoção desse conceito, promove a educação inclusiva, pois, é uma forma de resistir aos estereótipos que ainda fazem parte dos pressupostos da Pedagogia.

Ainda assim, Ladd (2013) diz que a Surdidade está presente onde é possível identificar: culturas, tradições, práticas e uma identidade própria. Dentro da cultura surda é possível perceber diversos elementos que fazem parte do surgimento da Surdidade: as formas de comunicação visual, língua de sinais, as festas e outros.

No contexto histórico sobre educação, a pedagogia foi pensada a partir de uma visão em que os sujeitos educativos para conceber os conhecimentos deveriam ter todos os cinco sentidos do corpo: audição, visão, olfato, tato e paladar. Nessa visão estereotipada, as metodologias de ensino e aprendizagem para uma aula são geralmente para as pessoas sem deficiências.

A 'Surdidade', defendida por Paddy Ladd, contribui significativamente para repensar práticas pedagógicas e, para refletir a urgência no debate sobre educação inclusiva, ela é relevante por dois motivos. O primeiro diz respeito à valorização da Cultura Surda, pois ela reconhece como autêntica a cultura, Identidade e língua dessas pessoas. O segundo motivo importante é que o termo 'Surdidade' desafia as concepções médicas, uma vez que compreende que a surdez não precisa ser corrigida, pois ela não é uma deficiência, mas sim uma característica humana natural.

6 METODOLOGIA

Esse estudo partiu de uma pesquisa bibliográfica e analítica sobre os dois principais temas: as 'epistemologias surdas' e os 'pressupostos epistemológicos da pedagogia contemporânea' e o conceito 'Surdidade'. Segundo Gil (2008), "A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos". (Gil, 2008, p.50).

Nessa analogia, em concordância com Gil (2008), esse método de pesquisa permite uma análise mais aprofundada sobre a teoria que diz respeito ao tema. Para realizar essa construção foi feita uma análise exploratória e crítica através dos materiais teóricos, no intuito de respaldar as análises a partir dos principais teóricos sobre os temas abordados.

Sendo assim, para fundamentar esse estudo foram utilizadas como base teórica, livros, artigos científicos, dissertações e teses. Estes foram levantados através de buscas em sites especializados em publicação científica, tais como: Periódicos CAPES, BDTD, Scielo, Google Acadêmico, entre outros. Dos materiais utilizados, vale destacar três autores/as principais: Ladd (2013), Nakagawa (2008) e Levy (2019), dos quais extraímos reflexões acerca da identidade, história da educação e cultura surda.

Foram utilizados materiais que falam sobre a temática, os que não foram encontrados aspectos importantes para o debate não foram inseridos na fundamentação. Em momento posterior, após as escolhas dos respectivos materiais, foi realizada uma leitura completa. Essa investigação buscou conceitos e teorias que contribuíssem para embasamento teórico desse trabalho.

Além disso, os dados foram organizados de forma temática por tópicos e em sequência cronológica, utilizou-se nessa sequência desde um breve relato de educação para surdos, bases epistemológicas da Pedagogia, Epistemologia e Surdez e posteriormente Surdidade.

7 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Essa seção apresenta os resultados encontrados a partir da análise de uma revisão bibliográfica. Neste tópico também encontraremos uma discussão que visa interpretar os achados no contexto das concepções pedagógicas, esta que, em toda história educacional, considerou apenas um sujeito em específico. Para isso foram utilizadas duas obras importantes, a de Becker (1994) e Mizukami (1986), por se proporem a sintetizar as abordagens e matrizes principais que orientam as teorias pedagógicas e as práticas educativas.

Em Becker (1994), encontramos os modelos epistemológicos que são baseados numa filosofia empirista, racionalista e socioconstrutivista. Assim, essa obra se fez fundamental, pois ele investiga como a epistemologia da pedagogia atua nas práticas docentes, institucionalizando¹ e formalizando uma determinada concepção do conhecimento. Em segundo plano, Misukami (1986) traz como essencial as diferentes abordagens pedagógicas, em especial, a abordagem tradicional que a autora visa descrever como essas práticas educativas atuam.

No segundo subtópico (7.2), trabalharemos o conceito de Surdez sob uma perspectiva médica, como este atua em prol da cultura ouvinte. Por fim, na subseção 7.3, abordaremos o conceito de 'Surdidade' defendido por Paddy

¹ No concernente à 'institucionalização', basta observar como as teorias da aprendizagem vão compor os conteúdos curriculares dos cursos de formação de professores, as propostas pedagógicas e curriculares das secretarias da educação, os saberes demandados aos candidatos aos cargos docentes nos concursos públicos e seleções.

Ladd, o qual desconstrói significativamente a visão estereotipada das pessoas surdas como 'incapazes' e contribuindo, assim, para uma perspectiva Inclusiva da educação.

7.1 Matrizes Epistemológicas da Pedagogia: F. Becker e N. Mizukami

Inicialmente, a partir da leitura exploratória e crítica de materiais que fundamentaram essa pesquisa, foi possível identificar no contexto histórico de educação voltada para alunos surdos, em três momentos: o dois primeiros momentos, na Antiguidade até Idade Média, que as pessoas sem deficiências espalharam mitos e formaram estereótipos; já na Idade Moderna, as pessoas surdas foram percebidas, naquele momento, como sujeito aprendizes.

Porém, as informações sobre as práticas educativas que seriam utilizadas eram desconsideradas e sempre pensavam os sujeitos não ouvintes como eles estivessem em um processo de cura, por exemplo, quando os 'doutores' da época queriam que eles falassem por meio da leitura labial e esquecessem de fato sua língua materna.

Ademais, nos resultados encontramos a partir da exploração das obras de Becker (1994) e Mizukami (1986) que ambos mostram abordagens pedagógicas que estão focadas na centralização da transmissão de saberes pelo professor, pois o educador tanto na concepção de ensino tradicional e diretivo se identifica como detentor do conhecimento. Para as pessoas surdas essas abordagens têm implicações significativas, pois o sujeito sempre esteve inserido nessas práticas que defendem como metodologia de ensino a oralidade, muitas vezes desconsiderando a Identidade e cultura dos sujeitos não ouvintes.

Becker (1994), ao discutir sobre a abordagem diretiva, reconhece que o conhecimento é controlado e repetitivo. Essa prática reflete em toda história educacional das pessoas surdas, onde mesmo após o reconhecimento do sujeito surdo como educativo, as práticas metodológicas trabalhadas no cotidiano escolar ainda não consideram as diversas formas de ensino-aprendizagem.

Assim, Becker (1994) e Mizukami (1986) trazem uma reflexão voltadas ao modelo diretivo e tradicional, que não devemos dentro da educação centralizar o professor como transmissor do conhecimento, mas sim como mediador. Isso porque a figura do educador como centro pode marginalizar a autonomia das

peças não ouvintes. A pedagogia, ao se fundamentar em pressupostos epistemológicos que estimulam a autonomia do aluno, incentivará os alunos, em geral, a valorizar a sua identidade cultural.

Os dados apresentados indicam que a educação de modelo tradicional e diretivo de Becker (1994) e Mizukami (1986) atua a favor de uma cultura ouvinte. As práticas de ensino-aprendizagem que centralizam o professor como detentor do conhecimento influenciam a prática da oralidade como elemento principal para transpassar o conhecimento. Essa comunicação trabalhada apenas a favor da cultura ouvinte resulta em uma educação para as pessoas surdas fragilizada, isso porque não é apresentada outras metodologias para transpassar o ensino.

O modelo tradicional de ensino foi pensado através de pensamentos oriundos de mitos que foram espalhados na sociedade e também de uma visão médica que trata a surdez apenas como uma deficiência que necessita de correção, a seguir iremos abordar sobre essa concepção médica e seu impacto na educação para as pessoas surdas.

7.2 Abordagem médica sobre o ser surdo e a concepção educacional

As bases epistemológicas da pedagogia, sempre se fundamentaram em concepções que marginalizavam o sujeito surdo. Os conceitos estereotipados se perpetuaram por toda história educacional que foram embasadas também em uma perspectiva médica. O termo surdez foi o termo definido pela medicina para caracterizar pessoas surdas. Porém, esse termo tradicional trata a surdez como uma deficiência que necessita ser corrigida. Para tanto, nesta subseção iremos focar em dois momentos: o objetivo da perspectiva médica sobre a correção da surdez; em segundo plano, a desconsideração da cultura e identidade surdas.

A medicina em todo seu contexto histórico tratou a surdez como uma deficiência que precisava de alguma intervenção, com intuito de 'normalizar' os sujeitos. Todavia, esse pensamento leva a prática da abordagem educacional que considera a oralidade e que estimula a cultura ouvinte. Nessa conjuntura, para acessar o ensino e aprendizagem é necessário que as pessoas surdas se adaptem às práticas ouvintes. Entretanto, em consequência a essa adaptação a

língua materna das pessoas surdas ficam em segundo plano e isso pode impactar na expressão da identidade do sujeito.

Outrossim, percebe-se que a surdez em uma perspectiva patológica ainda é refletida com pensamentos estereotipados. Logo, a definição da surdez em concepção médica de surdez, acarreta o não reconhecimento da cultura e língua de sinais. Essa abordagem desconsidera para a aprendizagem a identidade cultura e língua de sinais como importante para a comunicação. Além disso, ignora o desenvolvimento de práticas docentes a partir da língua materna deles, pois, a visão médica trata essas pessoas com olhar que eles precisam ser 'normalizados'.

Esses resultados demonstram que a abordagem educacional voltada em uma perspectiva médica é focada na inserção do aluno surdo ao modelo de cultura ouvinte.

Percebemos nesse contexto, que a educação para os sujeitos ouvintes é embasada em concepções que foram enraizadas e que desvalorizam para o concebimento dos conhecimentos o 'modo de ser surdo'. Por outro lado, conceitos como 'surdidade' defendido por Paddy Ladd considera como elemento importante a identidade cultural das pessoas não ouvintes.

7.3 A 'Surdidade' em prol de reconhecimento da cultura e educação surda

Paddy Ladd (2013), em sua obra "*Em busca da Surdidade I: colonização dos Surdos*", introduziu o termo 'Surdidade', em inglês *Deafhood*, em prol de um reconhecimento da identidade cultural das pessoas surdas. Para fundamentar esse termo, ele utilizou, além da perspectiva médica patológica, ele se fundamentou em uma experiência com pessoas surdas. A 'Surdidade' conceituação trabalhada por Ladd (2013) é fundamental, pois ele é oposto à visão da surdez como deficiência e propõe uma percepção de Surdidade condicionada à história e cultura das pessoas não ouvintes.

Desse modo, destacamos a partir da análise do termo 'Surdidade' dois resultados principais: o primeiro diz respeito à Surdidade como um estímulo ao reconhecimento da identidade cultural, isso porque Paddy Ladd trata a cultura como celebrações, histórias e tradições. Além disso, Ladd (2013), ainda em seu

contexto de Surdidade, valoriza a Língua de sinais como a língua materna das pessoas surdas e esta é um dos elementos principais para comunicação, Paddy Ladd a reconhece como autêntica.

Outrossim, o reconhecimento do termo teórico ‘Surdidade’ colocado em prática estigmatiza a diminuição de preconceitos voltados às pessoas não ouvintes durante que foram transpassados em toda sua história educacional. Permite também que as pessoas em geral conheçam a herança cultural.

A análise da obra “*Em busca da Surdidade I: colonização dos Surdos*” de Paddy Ladd destacaram que o termo ‘surdidade’ contribui a favor do rompimento dos pensamentos que em toda história desconsideram o ‘modo de ser surdo’. Além disso, ele colabora com desenvolvimento de práticas que insira as pessoas surdas na educação em uma ótica mais inclusiva.

Por fim, observamos que o termo ‘Surdidade’ ainda reflete a perspectiva médica de surdez. Ladd (2013) defende que as pessoas surdas devem valorizar a sua língua materna e a cultura surda, mas que também deixe ao lado a língua majoritária, no caso do Brasil a língua Portuguesa. Assim irá promover uma educação inclusiva que considere as especificidades das pessoas surdas.

8 CONCLUSÃO

Ao observar o descompasso entre as bases epistemológicas da pedagogia e as novas concepções de ensinamentos ensejadas pela emergência de novos sujeitos educativos (as pessoas surdas), essa pesquisa buscou analisar e discutir os fundamentos da chamada Educação Inclusiva.

Identificou-se, a partir de uma pesquisa bibliográfica, como as concepções tradicionais em torno do ensino e da aprendizagem, ainda presentes na prática educativa, perpetuam a histórica negação epistemológica, cultural, social e política dos sujeitos surdos.

A partir do estudo e análise das fontes utilizadas, concluímos que as concepções de ensino e aprendizagem ainda vigentes precisam ser postas em questão, a partir da consideração pelas especificidades das pessoas surdas.

Almejando alcançar uma etapa propositiva e não apenas analítica, espera-se que as próximas etapas dessa pesquisa contribuam com a apresentação de uma compreensão sobre novas bases epistemológicas da

pedagogia a partir da consideração e reflexão acerca da ‘Surdidade’, da identidade e cultura desses sujeitos.

REFERÊNCIAS

- BECKER, Fernando. Modelos pedagógicos e modelos epistemológicos. **Educação & realidade**. Porto Alegre. Vol. 19, n. 1 (jan./jun. 1994), p. 89-96, 1994.
- BRASIL. Lei nº 12.345, de 2 de agosto de 2010. **Lei da informática**. Diário Oficial da União Brasília, DF, 03 de agosto, seção 1.
- CAVALCANTE, Marisa Almeida; RODRIGUES, Carlos Eduardo Monteiro; PONTES, Liliâne Alves. Novas tecnologias no estudo de ondas sonoras. **Caderno Brasileiro de Ensino de Física**, v. 30, n. 3, p. 579-613, 2013.
- CARNEIRO, B.G.; LUDWIG, C. R. Por outra epistemologia na educação dos surdos. **REVELLI**, v. 10, n. 4, 2018.
- COLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALACIOS, Jesús. **Desenvolvimento Psicológico e Educação-Vol. 3: Transtornos de Desenvolvimento e Necessidades Educativas Especiais**. Penso Editora, 2016.
- FUMERTON, Richard. **Epistemologia**. Editora Vozes Limitada, 2015.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. 2. reimpr. São Paulo: Atlas, 2010. 184 p. il. (Livro disponível nas Bibliotecas do SIB)
- _____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. 11. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009. 107 p. (Livro disponível nas Bibliotecas do SIB)
- GOLDFELD, Marcia. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista**. Plexus Editora, 2002.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEXEIRA (INEP). **Censo de educação básica: 2021**.
- LADD, Paddy. **Em Busca da Surdidade I**. Colonização dos Surdos. Trad. Mariani Martini. Lisboa: Surd“Universo, 2013.
- LADD, Paddy; GONÇALVES, Janie Cristine do Amaral; Culturas surdas e o desenvolvimento de pedagogias surdas. In: KARNOPP, Lodenir Becker et al. (orgs.). **Cultura Surda na Contemporaneidade**. Negociações, intercorrências e provocações. Porto Alegre: Ulbra, 2011. p. 295-329.

LAKATOS Eva Maria. **Metodologia científica**. 6. ed. 4. reimpr. São Paulo: Atlas, 2011. 314 p. ISBN 9788522466252. (Livro disponível nas Bibliotecas do SIB).

LEVY, Cilmara Cristina Alves da Costa. **História da Surdez**. São Luís: Universidade Federal do Maranhão. UNA-SUS/UFMA, 2019.

MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. 2. reimpr. São Paulo: Atlas, 2010. 297 p. il. (Livro disponível nas Bibliotecas do SIB)

MINAYO, M. C. S; DESLANDES, S. F. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 25. ed. rev. atual. Petrópolis: Vozes, 2007.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino: As abordagens do processo**. São Paulo, SP: EPU, 1986.

MOURÃO, Marisa Pinheiro; MIRANDA, Arlete Aparecida Bertoldo. As teias epistemológicas da educação de pessoas surdas: reconhecer para incluir. **Rev. Ed. Popular, Uberlândia**, v. 7, p. 44-53, 2008.

NAKAGAWA, Hugo Eiji Ibanhes. **Culturas surdas: o que se vê, o que se ouve**. 2012. Tese de Doutorado.

NÓVOA, António. **Escolas e professores: proteger, transformar, valorizar**. Colaboração Yara Alvim. Salvador: SEC/IAT, 2022.

SKLIAR, Carlos; QUADROS, Ronice. Invertendo epistemologicamente o problema da inclusão: os ouvintes no mundo dos surdos. **Estilos da clínica**, v. 5, n. 9, p. 32-51, 2000.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus pela minha vida e força que ele me deu durante toda minha graduação. Ele me ajudou a enfrentar todos os desafios que surgiram e me possibilitou ultrapassar com mais determinação, em cada momento de desgaste em que pensei em desistir.

Em segundo plano, quero agradecer a mim mesma por ser tão forte e capaz de resistir às mais diversas dificuldades, todas as barreiras que o inimigo me impôs foram derrubadas com sucesso.

Em continuidade, sempre me recordo com muita alegria dos conselhos que meu pai me transpassava “estude minha filha para você ter sua independência”. Eu consegui e segui todas suas orientações, por esse motivo e outros que não caberiam nesse parágrafo, agradeço muitíssimo ao meu pai, Marcos Antônio, que infelizmente não se faz mais presente em vida física, todavia, em meu coração, todas as memórias te fazem vivo, em minha alma, eu sinto tua presença de alguma forma e ouço tua voz, inclusive agora nesse momento que estou escrevendo escuto você me dando força para terminar essa pesquisa, muito obrigado pai!

Manifesto meu apreço, também à minha mãe amada, Rejane da Silva, por toda a ajuda e dedicação que teve com toda minha graduação. Ela sempre me aconselhou, me encorajou, se preocupou com todos os trabalhos que eu tinha para fazer: “você já fez o trabalho do professor/a?”. Mãe eu te agradeço por tudo, minha joia rara. Agradeço à minha irmã, Rafaela Antonia por ter me escutado lendo os meus trabalhos acadêmicos e por ter refletido junto comigo as melhorias que eu poderia dar a ele.

Além disso, sou grata aos meus avós: Maria das Graças, Sebastiana Lúcia, e José Noberto por me apoiarem mesmo não entendendo algumas de minhas escolhas. Agradeço ao meu noivo amado Wellinson Araújo, por nunca ter me deixado desistir do curso, ele sempre me deu força para continuar e acreditou em mim quando nem eu mesma acreditava.

Gostaria de expressar minha profunda gratidão, ao meu orientador, Genivaldo Monteiro, por ter me guiado na minha graduação desde o PIBIC, em 2023, até o término do meu curso. Ele foi meu conselheiro e me orientou em minha pesquisa. Muito obrigada, professor! Ademais, agradeço aos professores: Edwin Luith, Germana Menezes, Macilene Nunes, Mailton Bezerra, João Nascimento, esses foram mediadores desde Ensino Básico ao Ensino Superior, pois foram muitos significativos em minha vida. Também sou grata, a meus tios/as e amigos/as importantes: Andressa Maia, Elidia Nascimento, Roberta Domingos e Tamires Lima.

Por fim, quero agradecer a UEPB (Universidade Estadual da Paraíba) por todo apoio e aprendizado na minha graduação e a todos/as que de forma direta ou indireta contribuíram com minha vida acadêmica.